

F

2012

porto

28 maio
03 junho

35 festival
internacional de teatro
de expressão
ibérica

T

www.
fitei.com

I

E

26 maio
prólogo dia fitei
em Guimarães 2012

estruturas beneficiárias

GOVERNO DE PORTUGAL

agências especializadas

BRASIL

INSTITUTO

SERRAVES

GUIMARÃES 2012

PORTUGAL

DIÁLOGO

cpf

Imaginarium

REFER

ANTENA 1

PORTO

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	02
PRÓLOGO FITEI / GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA	03
PROGRAMAÇÃO OFICIAL	07
ACTIVIDADES PARALELAS	18
CALENDÁRIO GERAL	23
ESPAÇOS DO FESTIVAL	24
PREÇÁRIO/ BILHETEIRA	25
FITEI EM NÚMEROS/ PRÉMIOS	26
APOIOS	27
CONTACTOS	29

APRESENTAÇÃO

35º FITEI – FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO

DE EXPRESSÃO IBÉRICA

Cumprindo com os objectivos que tem assumido nos últimos anos, o Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica está de volta para a sua 35ª edição. Multicultural, interventivo e cosmopolita, o FITEI 2012 traz ao Porto, entre 28 de Maio a 3 de Junho, algumas das melhores propostas recentes do teatro nacional e internacional. Atento às problemáticas sociais e políticas da actualidade, bem como às intemporais formas de pensar o ser humano, o festival sublinha este ano a sua contemporaneidade.

Com uma duração mais curta – sete dias em vez das duas semanas a que tinha habituado o seu público – a edição fica marcada por um corte substancial no seu orçamento, que acabou por condicionar o leque de programação que estava previsto.

Devido à conjuntura económica actual, o governo português efectuou um corte muito significativo nos orçamentos das estruturas culturais independentes do país. O FITEI sofreu, de imediato e directamente, um corte de 38 por cento no seu orçamento contratado.

Além disso, verificou-se um retrocesso do sector privado no que diz respeito ao mecenato, levando a que grande parte dos patrocinadores não tenha colaborado este ano com o festival.

No entanto, e graças às diversas parcerias institucionais que o festival mantém – Teatro Nacional S. João, Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura, Serralves em Festa, Manobras no Porto / Porto Lazer, Funarte (Brasil) – conseguiu dar-se forma a um conceito de programação que passa pela pluriinterdisciplinaridade (teatro, novo circo, dança contemporânea) e por uma forte ligação à cidade e às suas diversas comunidades.

Num Porto cada vez mais cosmopolita há que realçar as características de um festival atento tanto ao local como ao global. Nesse aspecto, destaque-se a produção própria do FITEI para esta edição – “Sinfonia Erasmus”, realizada com a comunidade de estudantes de Erasmus da cidade e dirigida por Claire Binyon. O resto da programação chega de vários países: Espanha, Brasil, França e Itália. Como é habitual, o teatro português tem também o seu lugar marcado, inclusivamente com várias estreias.

Numa parceria com Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, o Festival vai passar um dia fora de portas, a 26 de Maio, sábado, apresentando três espectáculos na cidade-berço: duas animações de rua vindas de Espanha e um espectáculo de espírito rebelde e comprometido proposto pela companhia paulista São Jorge de Variedades.

A abertura 'oficial' acontece a 28 de Maio, terça-feira, no Mosteiro de São Bento da Vitória, com um espectáculo inspirado na “Tempestade”, de William Shakespeare, que nasceu em três meses de residência artística em Guimarães Capital Europeia da Cultura, da companhia Footsbarn Travelling Theatre.

O TNSJ, dando continuidade à parceria de vários anos com o Festival, acolhe, em estreia absoluta, a peça “As Intermitências da Morte”, adaptação do livro de Saramago pelo encenador e dramaturgo José Caldas, em parceria com o encenador, autor e actor italiano Gianni Bissaca. “O Doente Imaginário”, um regresso do Ensemble a Molière, e “Petra, La Mujer Araña y el Puton de la Abeja Maya”, espectáculo da coreógrafa espanhola Sol Picó, completam a programação no TNSJ e TeCA.

Esta edição conta com extensões a Felgueiras, Faro, Viseu e Guarda e ainda dois espectáculos fora de portas em Coimbra e Santa Maria da Feira, em parceria com o Teatrão e o Imaginarius.

Na programação paralela, o público do FITEI poderá ver-se cinema, exposições e assistir a lançamentos de livros e debates.

**PRÓLOGO FITEI / GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA
DA CULTURA**

Kinoa (Espanha)

Box

26 de Maio / Sábado / 10h00 / 11h00 / 12h00
Guimarães (Semáforo Posto de Turismo da Alameda Sul)

Parceria FITEI / Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura

M/ 4 anos / Duração aproximada: 15 min.

De repente, a rua transforma-se numa box de Fórmula 1 de um qualquer autódromo imaginado. Num sinal vermelho, os 'mecânicos-actores' aproximam-se do carro mais a jeito e fazem o seu trabalho com eficácia e rapidez.

A companhia gosta de surpreender os transeuntes no seu quotidiano, no espaço público que percorrem diariamente sem sobressaltos, ou seja, na rua. Querem aproveitar as múltiplas possibilidades que oferece o “grande cenário do teatro urbano, transformando-o num espaço menos anónimo, menos cinzento, mais divertido”. Nesta corrida feita com muito humor, a companhia espanhola utiliza todas as potencialidades da cidade: automóveis, carrinhos de bebé, bicicletas, cadeiras de rodas e mesmo peões. O factor surpresa, aliado ao absurdo e à simplicidade, torna o espectáculo inesperado.

Javier Soler

Nasceu em Barcelona, em 1964. Formou-se na Aula de Teatro de L'ateneu de Cerdanyola, completando a sua formação em diversas disciplinas – técnicas de circo, palhaço, mimo, pantomina, teatro de máscaras, entre outros. Desde 1988 que se dedica à docência destas técnicas e à direcção de espectáculos em diferentes escolas de teatro, trabalhando também como actor. Faz parte, desde 1996, da companhia de teatro de rua Gog i Magog. Em 2007 cria, com Oriol Garriga, a companhia Kinoa, com quem vem agora ao FITEI.

Oriol Garriga Tatjé

Nasceu em Manresa, em 1982. Fez a sua formação da École de Cirque Le Lido, na escola Rogelio Rivel, tendo aprendido técnicas de palhaço, de malabarismo, acrobacia, dança contemporânea e percursorssão. É fundador, juntamente com Javier Soler, da companhia Kinoa, onde dirigiu “Cabaret de Casa”, “Les Galetes de Musica”, “Les Galetetes”, “Box” e “Reflejes de Lluna”.

“Energia e luta”

Kinoa Espectacles é uma produtora fundada na Catalunha, em 2007. Os seus espectáculos partem sempre de uma postura crítica perante o quotidiano. A filosofia da companhia é clara: promover a mudança com a felicidade. Querem, como os próprios admitem, dar respostas positivas que ajudem à consciencialização sobre o passado, o presente e o futuro imediato. A sua máxima é ¡energía y lucha!.

Ficha técnica/artística

Autor: Javier Soler Ródenas / Oriol Garriga Tatjé **Encenação:** Javier Soler **Interpretação:** Carlos Soler, Oriol Garriga, Javier Soler, Jordi Beneitez, Moi Jordana, Joan Toro

Data e Local de Estreia: 17 de Maio de 2009 / Ruas de Manresa

Xirriquiteula Teatre (Espanha)

Girafes

26 de Maio / Sábado / 15h00

Guimarães Toural e o Jardim da Alameda

Parceria FITEI / Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura

27 de Maio / Domingo / 15h00 + 17h00

Praça da República / Largo Gaspar Moreira / Santa Maria da Feira

Parceria: FITEI / Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura / Imaginarius - Festival Internacional de teatro de rua / Santa Maria da Feira

M/12 anos / Duração aproximada: 60 min.

E se, de repente, uma família de girafas se passeasse no meio urbano, entre os transeuntes? Em “Girafes” esse imprevisto acontece. O espaço público torna-se, então, num local de encontro inesperado entre mundo 'natural' e 'artificial'. Procura-se criar, em silêncio, uma forma de comunicação que consiga transformar por instantes a vivência dentro da própria cidade.

Três actores-girafas e dois músicos levam a cabo este safari (ao contrário). A recriação onírica da atmosfera da savana africana reflecte sobre a forma como o cidadão se relaciona com a natureza, mesmo estando dela tão afastado. A girafa, que provoca tanta estranheza, pelo seu aspecto exótico, como pela simpatia, pela sua postura calma e pacífica, tem feito parte de uma certa mitologia na cultura ocidental e oriental ao longo dos séculos. Sem palavras, apenas com música que remete para uma África muitas vezes imaginada pela Europa, o espectáculo delicado e elegante comunica através da surpresa com todos os públicos

Para todos os públicos

A companhia Xirriquiteula Teatre foi criada em 1985, em Badalona (Barcelona). Durante mais de 25 anos de trabalho, criou e produziu espectáculos tanto para serem apresentados na rua como para o palco, e sempre a pensar nos vários tipos de público. Dedicando-se à investigação, a companhia foi aprendendo com os muito criadores com quem foi trabalhando ao longo da sua história. A companhia distingue-se por fazer cada um dos seus projectos de “forma artesanal”, como eles próprios dizem, tendo cuidado com cada pormenor. A sua máxima é conseguir oferecer o melhor que têm em cada apresentação e realizar teatro de qualidade para todas as crianças e jovens.

Continuam sempre à procura de um alto nível de qualidade e autenticidade. A companhia faz parte da Associação de Teatro para Todas as Audiências e da TEVEO - teatro para crianças e jovens.

Ficha técnica / artística

Autor: Xirriquiteula Teatre **Encenação:** Criação colectiva **Interpretação:** Eduardo Varela, Dani Carreras, Marc Costa, Camilo Vernazza (steel drum), Alberto Carreño (djembé) **Figurinos:** Iolanda Llansó **Elaboração dos figurinos:** El Talleret **Parceria:** Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura, FITEI, Imaginarius - Festival Internacional de teatro de rua / Santa Maria da Feira

Local e data de estreia: Barcelona, 2003

Companhia São Jorge de Variedades (Brasil)

Quem não sabe mais quem é, o que é e onde está, precisa se mexer

26 de Maio / Sábado / 17h00
Espaço Oficina – Guimarães

Parceria FITEI / Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura

29 de Maio / Terça / 21h30
O Teatrão - Oficina Municipal do Teatro / Coimbra

Parceria FITEI / Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura / Ciclo São Palco (O Teatrão)

M/16 anos / Duração aproximada: 90 min.

Três artistas? Três terroristas? Três crianças? Uma banda de garagem? Super-heróis, macacos?

Criada a partir da improvisação dos actores sobre o universo literário de Heiner Müller, esta peça baseia-se na desconstrução dos mecanismos do quotidiano, analisando os seus aspectos positivos e negativos. Três actores, que agem como cómicos e lúcidos revolucionários, ocupam, primeiro, a rua, chamando os espectadores para o espaço íntimo da apresentação.

A peça nasceu a partir dos textos “A Missão”, “Máquina Hamlet” e diversas entrevistas de Müller. A partir desta selecção, os actores imprimiram o seu cunho pessoal, tanto com textos originais como com a selecção de outros textos – de Rosa Luxemburgo, do escritor brasileiro Juliano Garcia Pessanha e mesmo com uma passagem do argumento do “clássico” do cinema marginal brasileiro “O Bandido da Luz Vermelha”, de Rogério Sganzerla. Herdeiro e interlocutor de Bertold Brecht, uma das maiores influências da companhia, Heiner Müller (1929-1995) “é complexo, mas inteligível quando colocado sob um olhar simples”, diz a encenadora da peça Georgette Fadel. O autor abordava a queda das ideologias nascidas da revolução francesa, como o marxismo, explícito na luta de classes, explorando a complexidade dos vícios humanos e as frustrações contemporâneas, em textos muitas vezes jogados ao público “como uma rajada de metralhadora”.

Georgette Fadel

Nasceu em Laranjal Paulista, interior de São Paulo, em 1973. Formou-se como actriz pela Escola de Arte Dramática da ECA/USP e como encenadora pelo CAC (Departamento de Artes Cênicas da ECA – USP). É professora da Escola Livre de Teatro de Santo André e integra a Companhia São Jorge de Variedades, onde encenou os espetáculos “Pedro, o Cru”, do português António Patrício, “Um Credor da Fazenda Nacional”, de Qorpo Santos, e “Biederman e os Incendiários”, de Max Frish. Assinou também a direcção das montagens de “Primeiro amor”, de Samuel Beckett, e “Bartolomeu, que será que nele deu?”, de Cláudia Schapira, com o Núcleo Bartolomeu de Depoimentos. Como intérprete, actuou em “Gota d’água – Breviário”, de Chico Buarque e Paulo Pontes, recebendo o Prémio Shell de Melhor Actriz, “Entrevista com Stela do Patrocínio”, “As Bastianas”, “Anjo Negro” e “Eu sou Vida, eu não sou Morte”.

'A revolução começa como um passeio'

A Companhia São Jorge de Variedades é um projecto colectivo, criado em 1998, com membros da Escola de Arte Dramática e da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O grupo pretende estabelecer, através de investigações permanentes, um processo de “lapidação da cena bruta”, utilizando de artifícios e procedimentos simples e artesanais. A base estética da companhia apoia-se em múltiplas referências, de acordo com as necessidades de cada espetáculo. Mas as principais referências são as manifestações ritualísticas de canto e dança, das religiões afro-brasileiras. A dramaturgia tem como objectivos a discussão de questões éticas inerentes à diversidade e os paradoxos da cultura brasileira, desde a sua formação à contemporaneidade. A companhia é também conhecida por se apresentar em lugares alternativos, tais como albergues ou a própria rua.

Ficha técnica/artística

Autor: Marcelo Reis, Mariana Senne e Patricia Gifford, a partir de Heiner Müller **Criação e Dramaturgia:** Cia São Jorge de Variedades **Encenação:** Georgette Fadel **Interpretação:** Marcelo Reis, Mariana Senne e Patricia Gifford **Assistente de Direcção:** Paula Klein **Direcção Musical:** Luiz Gayotto **Direcção de Arte:** Rogério Tarifa **Preparação Corporal:** Érika Moura e Lu Brites **Direcção de Produção:** Carla Estefan **Assistente de Produção:** Isabel Soares **Contrarregista:** Glauber Pereira **Programação Visual:** Sato-CasadaLapa **Parceria:** Ciclo São Palco/Teatrão

Data e Local de Estreia: Março de 2009 / São Paulo- Brasil

Footsbarn Theatre

Indian Tempest (Tempestade Indiana)

28 de Maio / Segunda / 21h30

29 de Maio / Terça / 19h00

Mosteiro de São Bento da Vitória

M/8 anos / Duração aproximada: 1h45

We are such stuff as dreams are made on ... (acto IV, cena I)

Inspirado na “Tempestade”, de William Shakespeare, este espectáculo foi criado em três meses de residência artística em Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura. A companhia itinerante saiu da sua sede em França e montou a tenda no Parque Desportivo de Creixomil, onde desenvolveu um trabalho de interacção com a comunidade.

O grupo, que se recusa a ter “estrelas”, aposta na improvisação dos actores sobre o texto como principal método de trabalho. Os próprios explicam: “Quem dirige a peça é a própria peça. O trabalho do actor é dar vida à história e oferece-la ao público”.

E a história que aqui oferecem é a do exílio de Próspero e sua filha. Juntam aqui o autor que tem sido a principal fonte de inspiração da companhia desde os seus primeiros anos de trabalho, na década de 70, e um dos sítios que marcou a companhia nos anos 90, a Índia, nomeadamente a região de Kerala, por onde o grupo andou em digressão. Essa ligação especial – vários dos elementos do grupo são de lá – é uma mais-valia para esta “Tempestade”. Índia “é berço de poemas épicos e géneros de teatro desde há mais de 2000 anos”, lembra a companhia. “Desejávamos falar de Kerala, do seu mar, dos pescadores, da magia, dos espíritos, das nossas viagens e da relação quase carnal com o teatro. Por isso, a ilha exótica de refúgio de Próspero e Miranda, habitada pelo inconformado escravo Calibã e o obediente Ariel ganha aqui as cores e os sons daquele oriente.

Nómadas do teatro

A companhia fundada em 1971, na Cornualha, começou por ensaiar num celeiro, em casa de Oliver Foot, um dos fundadores do grupo (Foot's barn traduz-se por celeiro de Foot). Em 1984, a companhia deixa a Grã-Bretanha para levar o seu teatro pelo mundo, tendo sido Portugal uma das primeiras paragens. Continuou sem pouso certo até 1991, quando se decidiu instalar numa quinta, La Chaussée, em França, a convite da própria localidade, voltando a instalar-se no campo.

Nestas quase duas décadas, fizeram da quinta um centro de produção. Está completamente equipada com salas para ensaios, para workshops, escritórios e estúdios, sendo também um centro de educação.

Ao longo dos seus 30 anos de história apresentaram aproximadamente 60 peças e viajaram por todos os continentes como um grupo verdadeiramente multinacional. Uma das digressões que mais influenciou o trabalho actual da companhia foi as suas apresentações na Índia, nomeadamente na região de Kerala, em 1994.

Ficha técnica/artística

Autor: a partir da “Tempestade” de William Shakespeare **Direcção artística:** Paddy Hayter **Cenografia:** Fredericka Hayter **Adereços:** Fredericka Hayter (com Sophie Lascelles, Carol Betera) **Figurinos:** Hannah Sjodin (com Camille Lamy e Lea Delmas) **Desenho de luz e poster:** Zbiegniew Szumski **Interpretação:** Gopalakrishnan, Joseph Cunningham, Vincent Gracieux, Paddy Hayter, Shaji Karyat, Kani Kusruti, D.Reghoothaman, Haris Haka Resic (actores); Kasia Klebba, Chandran Veyattummal (músicos) **Construção de cenário:** Jesse P. Watson (com Kes Hayter) **Técnico de luz:** Jesse P. Watson **Produção:** Fabien Granier **Administração:** Caroline Tigeot, Sylvie Falzone **Co-produção:** Footsbarn Theatre (França), Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura (Portugal) **Colaboração:** Abhinaya Theatre Village (Índia) **Com o apoio** do Instituto Francês do Porto, do Service Coopération Décentralisée de la Région Auvergne e de Junoon -Theatre Enabler (India)

Data e Local de Estreia: 21 Maio de 2012 / Parque de Creixomil / Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura

Concepção de Mário Moutinho / Produção FITEI

Sinfonia Erasmus

29 de Maio / Terça / 17h00 / Estação de São Bento - Porto

ESTREIA ABSOLUTA

M/4 anos / Duração aproximada: 60 min.

Espectáculo no âmbito do Manobras no Porto.

Espaço icónico da cidade, a Estação de Comboios de S. Bento é o cenário ideal para se orquestrar esta “Sinfonia Erasmus”, que aborda o tema da viagem, do confronto com o desconhecido. Os estudantes estrangeiros que escolheram o Porto como cidade de permanência temporária dão corpo a esta proposta que cruza diversas linguagens performativas.

Dividida em cinco andamentos, a peça explora o universo da mobilidade nos dias de hoje, numa Europa sem fronteiras mas heterogénea. Explora a questão: “porque é que saímos de uma zona de conforto para viajar, viver e estudar num país diferente?”; irá perguntar: “o que trazes contigo?”, “do que é que tens saudades?”, “o que é que partilhas?”, usando uma performance física que incorpora técnicas de teatro, coreografia/movimento e manipulação de objectos.

A performance é, então, uma sinfonia de corpos colaborando com a música e com os elementos multimédia que serão desenhados com o material desenvolvido pelo grupo ao longo do processo de trabalho, celebrando a pesquisa e a descoberta.

Música e Multimédia

O acompanhamento musical tem uma importância vital, ou não se tratasse isto de uma sinfonia. Foi composta por alunos que criaram também uma série de instrumentos musicais com os quais será interpretada a partitura da performance na Estação de S. Bento. Através da utilização da tecnologia de GPS e de telemóveis, será feita uma instalação de vídeo com edição ao vivo durante o espectáculo, que se irá desenvolvendo ao longo da tarde com a colaboração dos outros elementos da performance. Com o “tracking” e edição ao vivo num ecrã gigante, o mapeamento e design de padrões será criado pelos viajantes (alunos participantes) na sua busca de experiências. Os seus progressos serão testemunhados pelos passageiros e outros transeuntes da Estação.

Claire Binyon

Depois de se formar na Universidade de Warwick, no início dos anos 80, trabalhou e desenvolveu as suas competências em Teatro Comunitário e Teatro Físico no Norte de Inglaterra. Tirou o mestrado de Encenação e Práticas Teatrais, na Universidade de Leeds. No início dos anos 90, estudou movimento teatral com Monika Pagneux, em Paris. Foi convidada, em 1994, para leccionar, no Porto, um workshop de teatro físico e para criar uma performance. Após esta experiência foi convidada a colaborar no desenvolvimento de um projecto inovador – a criação uma escola de artes teatrais inserida na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), do Politécnico do Porto. Fê-lo e há 17 anos que é lá professora. Durante dez anos foi Directora de Departamento. Tem estado a trabalhar com a equipa responsável pela concepção e currículo do curso de interpretação, com especialização no desenvolvimento do programa de movimento teatral, onde ensina movimento a actores da licenciatura em Interpretação. É também coordenadora do Mestrado em Encenação e Interpretação estando a desenvolver um novo curso de pós-graduação em Teatro na Comunidade.

Ficha técnica/artística

Direcção artística: Claire Binyon

Criação colectiva coordenada por: Rodrigo Malvar, Vasco Gomes, Henrique Fernandes, António Pires e Sofia Pereira

Produção: FITEI

Data e Local de Estreia: 29 de Maio de 2012 / 17h00 / Estação de São Bento / FITEI 2012

Alba Sarraute (Espanha)

Soy la Otra (La Diva)

29 de Maio / Terça / 22h00 / Teatro Helena Sá e Costa

M/12 anos / Duração aproximada: 75 min.

O espectáculo reflecte sobre o outro lado da fama, do êxito que é procurado por uma pessoa frágil, que é frágil por esconder algo. A perda do rumo, o descarrilamento da alma. A separação entre corpo e espírito. Queremos reflectir sobre a feminilidade da mulher, a sua necessidade de ser querida em todos os âmbitos da sociedade.

Este 'cabaret contemporâneo' é uma viagem pela vivência de uma mulher que optou por viver sob a pressão das luzes da ribalta. Num só acto, a actriz Alba Sarraute, que é também palhaça, música e acrobata, narra os impulsos que levaram a sua personagem a aspirar uma vida de excentricidade. Cruzam-se aqui as contradições do seu mundo interior com o complexo universo pré-fabricado da fama, de sucesso e decadência, onde ela se insere. As problemáticas que apresenta são postas em palco através de múltiplas linguagens artísticas: a música, a acrobacia e uma renovada abordagem do universo do palhaço contemporâneo fazem deste "Soy la Otra" um verdadeiro espectáculo de variedades onde drama, extravagância, angústia e *glamour* coexistem ao ritmo do cabaret.

Quem é esta diva?

Personagem intrigante, esta diva exprime o seu *glamour* decadente através de peculiares características. A estranheza aparece logo na comunicação verbal: a diva não fala nenhuma língua em particular, mistura idiomas, conforme o lugar onde pensa que está a cada momento. Tem uma pronúncia difícil, estranha, feita de pronúncias de muitos sítios. O seu aspecto remete para uma vida de palcos, nem sempre bem-sucedida, e também de desilusões de bastidores: o seu vestido vermelho vivo, aparenta ser elegante, mas, num olhar mais atento, percebe-se que está velho e maltratado. Ainda assim, é um adereço que utiliza conforme as necessidades, conseguindo fazer com ele várias formas, até uma burka. Os seus cabelos são compridos e despenteados, a sua peruca de um vermelho extravagante. A maquilhagem demasiado carregada, base branca, sobrancelhas falsas. Os olhos destacam-se de tão gordos e acentuados que são, bem como os lábios muito vermelhos, cheios de purpurina. É uma caricatura a um certo tipo de idealização da mulher.

Alba Sarraute

Estudou, música, acrobacia e canto. Frequentou o curso de teatro na Aula de Teatre de Mataró, (1997-2002). Estudou também na Escola de Circ Rogelio Rivel, Barcelona, e continuou a sua formação na Escola Superior de Circ Contemporani Acadèmie Fratellini, de Paris. Entre os 16 e os 20 anos foi membro da Companhia de teatro de rua Terraq'ua, que também fundou. Aos 17 realiza o seu primeiro espectáculo individual: "Seriosamente Tragicomedia". Apresenta-se em Paris com Le Spectacle de l'Envol, la Fragilité du Calme" e, depois de uma viagem pela América Latina, cria "Mirando a Yukali", premiado pelo público do IV Festival Internacional de Pallasses d'Andorra 2009 e pela Fira de Teatre de Tàrraga 2009. Trabalhou em Roma com a Factore K, na criação de "Paradiso" e "Argonauti" (2003 e 2004). Colaborou com o colectivo Palhaços Sem Fronteiras numa expedição ao Haiti, em 2007, e foi convidada, no mesmo ano, para o Festival de Rio de Janeiro. Participou como directora artística e apresentadora dos Cabarets Ambulants. É anfitriã de outros festivais, como o Alteveu de Sant Boi, juntamente com Marc Parrot, e Ple de Riure del Masnou. Em 2009, dirigiu o espectáculo de final de curso dos alunos da escola Rogelio Rivel. No mesmo ano, participou em "Llits", espectáculo musical e circense, com a co-produção do Teatro Nacional da Catalunha. Trabalhou como professora de Acrobacia Expressiva na Aula de Teatre de Mataró e na Escola de Circ Rogelio Rivel. Dirigiu em 2010 "Vida d'un pallasso", de Monti & cia. No mesmo ano estreou "La Diva (Soy la otra)".

Ficha técnica/artística

Autor: Alba Sarraute **Conceito e dramaturgia:** Alba Sarraute Pons **Encenação:** Alba Sarraute e Blai Mateu **Interpretação:** Alba Sarraute, Roc Sala, Alexandre Guitart, Pol Caturla **Desenho de luz e produção técnica:** Quim Aragó (Escenica Integral) **Equipa Técnica:** Quim Aragó, Ton Mentrut, Erin R. Bassa e Pedro Pérez **Produção e agenciamento:** Blai Rodríguez (Cameleonica d'Espectacles)

Data e Local de Estreia: 26 de Novembro de 2010 / Festival internacional de Pallassos de Cornellà, Sala Ramon Romagosa, Cornellà de Llobregat

Teatro di Piazza o d'Occasione (Itália)

Farfalle

30 de Maio / Quarta / 11h00 + 18h30 / Balleteatro Auditório

Extensões

26 de Maio / 21h30 / Casa das Artes de Felgueiras

2 + 3 de Junho / 11h00 + 16h00 / Teatro das Figuras - Faro

7 de Junho / 11h00 + 16h30 / Teatro Viriato - Viseu

9 de Junho / 16h00 + 21h30 / Teatro Municipal da Guarda

M/4 anos / Duração aproximada: 50 min.

Espectáculo dedicado a “meninos e meninas, pintores e bailarinos” sobre a vida das borboletas, onde os mais pequenos são convidados a participar. Esteticamente rica, esta peça-dança utiliza as linguagens digitais para criar um complexo universo que mimetiza as características aparentemente mágicas dos elementos da natureza. Em apenas um dia – do amanhecer ao pôr-do-sol – fica-se a conhecer como nasce e cresce uma borboleta: o ovo dá lugar à larva, esta à lagarta, que logo se transforma numa colorida borboleta dançante.

O cenário simples, composto por um tapete branco, duas asas de grandes dimensões com imagens projectadas e objectos decorativos estilizados, convida os espectadores mais novos a participar, a ocupar o espaço, a mover-se dentro do cenário. E aqui a tecnologia digital ajuda a criar o ambiente mágico: as imagens reagem aos movimentos de quem está em palco, criando a sensação de envolvimento e integração total no espectáculo.

Com “Farfalle”, a companhia Teatro di Piazza o d'Occasione continua a explorar as potencialidades expressivas das novas linguagens digitais (computação gráfica e tecnologias interactivas) aliadas à dança, à música e ao movimento. Para este espectáculo, foi desenvolvido um sistema de interacção som/imagem baseado no software MaxMsp com Jitter. O sistema utiliza vários tipos de sensores que interagem em tempo real com os movimentos dos bailarinos e do público.

Novo teatro para a infância

O Teatro di Piazza o d'Occasione, fundado em 1981, está sediado em Prato (Itália), no Teatro Fabbrichino, e trabalha como companhia residente no Teatro Metastasio Stabile della Toscana. Dirigido por Davide Venturini e Francesco Gandi, o grupo concebe obras interactivas que são interpretadas tanto pelos bailarinos como pelo público. Ao longo do seu percurso, tem vindo a redefinir o conceito de teatro para a infância como “teatro imersivo”, cujo objectivo é criar um ambiente sensorial que permita experimentar os limites subtis entre arte e jogo, para lá das barreiras do idioma e da cultura.

Entre 2002 e 2007, o Teatro di Piazza o d'Occasione criou e desenvolveu o conceito teatral “CCC” (children cheering carpet): três jardins virtuais ambientados sobre um tapete de dança que, através da pressão de sensores ocultos, produzia sons e imagens; um tapete mágico no qual a relação entre arte contemporânea e natureza se vivia através do movimento e do tacto. Entre 2008 e 2010, desenvolveu novas modalidades de relação entre gesto, música e imagens, com um projecto intitulado “Play_Please!”, composto de projecções interactivas luminosas que se transformavam em instrumentos musicais imaginários.

O êxito desta nova forma de teatro para a infância, que se reflecte em numerosas distinções, deu à TPO uma importante notoriedade internacional e abriu novas possibilidades de investigação. Tem feito digressões internacionais tanto em teatros como em centros de arte contemporânea.

Ficha técnica/artística

Autor: Francesco Gandi, Davide Venturini **Encenação:** Francesco Gandi, Davide Venturini **Interpretação:** Carolina Amoretti e Viola Espostiongaro **Voz off:** Ana Sala **Técnicos de vídeo, luz e som:** Saulo d'Isita e Niccolò Gallio

Desenho digital: Elsa Mersi **Espaço sonoro e criação musical:** Spartaco Cortesi **Engenharia multimédia:** Rossano Monti, Martin von Gunten **Cenografia e objectos:** Gregory Petitqueux, Valerio Calonego **Figurinos:** Loretta Mugnai

Assistente de cenografia: Livia Cortesi **Colaboração com os textos:** Stefania Zampiga, Rafael Casanova, Giovanna Tonzano **Organização:** Valentina Martini, Francesca Murador, Valeria Castellaneta **Distribuição:** Ana Sala (IKEBANAH - Artes Escénicas)

Data e Local de Estreia: 16 de Março de 2007 / Teatro Fabbrichino, Prato (Itália)

Ítaca Teatro / Quinta Parede (Itália / Portugal)

As Intermittências da Morte

30 + 31 de Maio / Quarta + Quinta / 21h30 / TeCA

ESTREIA ABSOLUTA

M/16 anos / Duração aproximada: 90 min.

A partir da obra de Saramago, decidimos encenar um espectáculo com uma dramaturgia livre de dogmas, como é o romance, mas ao mesmo tempo apaixonada e tensa, à procura do sentimento do amor.

Alegoria à sociedade moderna e ao mesmo tempo uma reflexão sobre a existência, esta peça, a partir do livro de José Saramago, fala de um país imaginário onde a morte deixou de actuar. Este princípio é uma janela para se observar a corrupção dos poderes instituídos, mas também as características que nos fazem humanos: o medo, a coragem ou o desejo de amar. Tudo começa num dia de ano novo em que de repente ninguém morre. No início, a vida eterna é motivo de comemorações, mas logo se transforma num fardo. A Igreja fica preocupada, pois “sem morte não há ressurreição e sem ressurreição não há Igreja”. As funerárias entram em falência, os hospitais enchem-se de moribundos eternos e os que desejam morrer não conseguem. Um desses, o patriarca de uma família de camponeses é levado, a seu pedido, até à fronteira com o país vizinho, onde, finalmente, morre. A notícia espalha-se e uma organização criminoso secreta – a Maphia – vai começar a fazer negócio com o controlo das fronteiras, pois as pessoas estão dispostas a pagar para morrer. Esta história criada pelo Nobel da literatura português está repleta de segundos sentidos, de reflexões ontológicas e políticas.

Quinta Parede – Associação Cultural

Fundada há 15 anos, no Porto, a companhia quer realizar a “travessia da metafórica zona de fronteira”, a chamada quarta parede, o lado do palco virado para o público, linha que separa o lugar da representação dos espectadores. Durante dez anos, levou a cabo o projecto Descobrir o Teatro, nas escolas do Porto. Realizou, com a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação o primeiro Encontro Europeu de Teatro/Escola. Levou a cena os espectáculos “O Rouxinol”, “Adamubies – Música Cénica”, “Cordel – Histórias de uma escrita falante”, “Nojo”, “Ou isto ou aquilo”, “O medo azul”, “Acende a noite” e “Il Colombre”. Participa em numerosos festivais internacionais, realiza exposições e tem editado várias publicações.

Ítaca Teatro

A companhia Ítaca Teatro foi fundada em 2005 por Marco Alotto e Gianni Bissaca, actores, escritores e encenadores com uma visão comum do teatro. Ambos entendem esta arte como um meio de expressão que deve estar ligado a uma sociedade em mudança, sempre com um compromisso político e cívico. Querem que nos seus projectos essas perspectivas de mudança sejam explícitas. Ítaca cresceu e desenvolveu-se através de um relacionamento próximo com o mundo da escola, através de dezenas de oficinas de teatro que envolveram professores e alunos, muitas vezes em grandes projectos.

José Caldas

Nascido no Brasil, em 1945, José Caldas estudou teatro naquele país, em Inglaterra, França e na Escola Superior de Educação pela Arte, em Portugal. Trabalhou no Brasil como actor e assistente de encenação em vários espectáculos. Vive em Portugal há três décadas, onde encena e lecciona, e criou dezenas de espectáculos em vários países, entre eles “Ou isto ou aquilo”, “A vida íntima de Laura”, “O medo azul”, “Acende a Noite”, “Lavie intime de Laura”, “La Terza Sponda”, “As laranxas mais laranxas de todas as laranxas” e “Il Colombre”. Entre outras distinções, foi premiado quatro vezes pela Associação Portuguesa de Críticos Teatrais. É actualmente o delegado português no Executivo da ASSITEJ - Association International du Théâtre pour l'Enfance et la Jeunesse.

Ficha técnica/artística

Autor: a partir do romance de José Saramago **Projecto/Texto dramático/Dramaturgia:** José Caldas e Gianni Bissaca **Encenação:** José Caldas **Interpretação:** Gianni Bissaca, Marco Alotto, Sara Alzeta

Data e Local de Estreia: 30 de Maio de 2012 / 21h30 / TeCA

Teatro Oficina (Portugal)

Um Acto de Comunhão

31 de Maio / Quinta / 18h30 / Teatro Helena Sá e Costa

M/16 anos / Duração aproximada: 50 min.

Baseado no episódio ocorrido em 2001, que teve como protagonista Armin Meiwes (conhecido como 'o canibal de Rotenburg'), "Um Acto de Comunhão" explora os limites do desejo, a solidão e as formas contemporâneas de a combater. Isenta de tabus, esta peça percorre o desenvolvimento dos transgressores apetites sexuais, amorosos e existenciais de um homem que vive numa simbiose mal resolvida entre mundo real e virtual. Escrito por Lautaro Vilo, um dos mais criativos autores argentinos da actualidade, o texto serve como material de reflexão sobre um tempo que se sustenta na virtualidade, assumindo-se como uma metáfora aos relacionamentos contemporâneos em que o furtivo e o imediato prevalecem.

Neste monólogo, interpretado e encenado por Marcos Barbosa, narram-se três momentos da vida de Meiwes: a festa do seu oitavo aniversário, o enterro da mãe na sua juventude e o encontro, já na idade adulta, com um parceiro que conheceu pela Internet, que termina num acto de canibalismo consentido.

Teatro Oficina

O trabalho desta companhia sediada em Guimarães centra-se no fomento da dramaturgia contemporânea, na formação teatral para todos e na circulação das produções pelo país. Fundada em 1994, levou já a cena numerosos espectáculos. Desde 2008 que tem apostado em parcerias com diferentes instituições e companhias portuguesas e estrangeiras, numa ideia de criação local com carácter global e abrangente. Tem colaborado frequentemente com encenadores, escritores e criativos nacionais e estrangeiros, que partilham uma visão comum do teatro. Distingue-se também pelo seu carácter de acolhimento a escritores em residência, sobretudo desde que é dirigida por Marcos Barbosa. Mantém, contudo, a disciplina de ciclicamente visitar o teatro clássico, numa espécie de regresso regenerador às origens. Neste momento está a criar o Teatro Estúdio, aproveitando as condições de crescimento proporcionadas por Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura.

Lautaro Vilo

Lautaro Vilo (1977, Buenos Aires) é actor, dramaturgo e encenador. Escreveu várias obras, entre as quais "23.344", "Alto Valle", "Un acto de comunión", "La tumba del niño moral", "Cáucaso", "La Gracia", "American Mouse" e, recentemente, "Cosmos", que encenou para o Teatro Oficina (estreou em Março em Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura). Mas a ligação com o colectivo vimaranense começou antes. Em 2010 encenou "A Fábrica" e, em 2011, a companhia encenou a peça que agora se apresenta no FITEI. Faz parte do grupo Eminent del Vapor, onde é actor, dramaturgo e encenador. Integra com Pablo Gershanik, o Rara Avis Escena, grupo com o qual montou "American Mouse", entre outras peças. "Un acto de comunión" faz parte de uma trilogia inspirada em notícias internacionais. Além da história do 'canibal de Rotenburg' (2004), relata a tomada, em 2002, do Teatro de Dubrovka (Moscou) por separatistas chechenos – "Cáucaso" (2006). A última, ainda não concluída, vai explorar a economia no sistema capitalista através da história do colapso do mais antigo banco de investimento de Inglaterra, o Barings Bank, em 1995.

Marcos Barbosa

Nascido em Lisboa, em 1973, é director artístico do Teatro Oficina desde Março de 2008, onde encenou textos de Will Eno, Jacinto Lucas Pires, André Sant'Anna e Wallace Shawn. Tem trabalhado, sobretudo, as novas dramaturgias em Portugal e no México, onde foi bolseiro da Fundação Gulbenkian. É programador do cluster Artes Performativas, no âmbito da Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura. Marcos Barbosa foi também co-fundador e director artístico da companhia .lilástico, onde encenou peças de David Mamet, Jacinto Lucas Pires e José Tolentino Mendonça.

Ficha técnica/artística

Encenação, interpretação e tradução: Marcos Barbosa **Texto original:** Lautaro Vilo **Desenho de luz:** Ricardo Santos **Cenografia:** Álvaro Silva e Ricardo Pereira, sob orientação de Ricardo Preto **Arte digital:** Ido Iurgel e Mário Pinto (CCG, Universidade do Minho) **Produção Executiva:** Teatro Oficina

Data e Local de Estreia: 5 de Outubro de 2011/ Sub-palco do Grande Auditório do Centro Cultural Vila Flor

Ensemble (Portugal)

O Doente Imaginário

31 de Maio + 1 de Junho / Quinta + Sexta / 21h30 / Teatro Nacional São João

ESTREIA ABSOLUTA

M/12 anos / Duração aproximada: 120 min.

Um corpo que devora tudo, que impede os outros de viver, que os engole, os devora e os afoga, um corpo egoísta, monstruoso, que nega a existência dos outros corpos, que fala apenas de si próprio.

Jean-Luc Lagarce, a propósito de Argão

Argão, burguês velho, rico e hipocondríaco, gasta o seu dinheiro em tratamentos médicos duvidosos. A sua mulher, Belina, que quer apossar-se dos bens do marido, encoraja-o na sua auto-compaixão. Há também a filha, Angélica, com quem o pai quer casar com o médico Tomás Diaforético, embora saiba que ela ama Cleanto. Beraldo, irmão de Argão tenta, sem sucesso, levar o hipocondríaco à razão, mas é Tonieta, a criada, que congemma um plano ardiloso: Argão terá de fingir de morto para, assim, testemunhar os verdadeiros sentimentos da sua família. Nesta trama satírica, desvendam-se as complexas relações familiares quando corrompidas pela ambição.

Escrita em 1673, esta é a última peça de Molière (1673), que faleceu praticamente em palco, já muito doente, quando interpretava o papel do hipocondríaco Argão.

Ensemble e Molière

Em 2009, a Ensemble produziu “O Avarento”, também de Molière, e também encenada por Rogério de Carvalho. Nessa peça, quis mostrar a destruição moral de uma família operada pela obsessão de Harpagão, um homem que tudo queria subjugar à sua vontade, revelando uma “desumanização patológica”. A companhia admite que lhe pareceu “quase natural” chegar agora a Argão que, tal como a personagem de “O Avarento”, “é de todos os humanos o humano menos humano”. Mais uma personagem “obsessiva e patética, sem sentimentos por ninguém, de um egocentrismo grotesco, que exige a atenção de todos sem nada dar em troca. É a recusa da pluralidade, do reconhecimento do outro, resulta na perda do real – por isso ele tem tanto medo da morte”.

Sobre o Ensemble

Ensemble - Sociedade de Actores é uma unidade de produção e investigação teatral. Fundada no Porto, em 1996, por um grupo de actores e professores das escolas superiores de teatro. Para além das produções próprias, trabalham em parceria com os Teatros Nacionais D. Maria II, São João e outras estruturas do Porto, Lisboa e Viseu, tendo sido responsáveis por alguns dos momentos mais importantes da produção teatral nacional, como “Hamlet”, dirigido por Ricardo Pais, ou “A Tragédia de Coriolano”, de Shakespeare, por Jorge Silva Meio. O projecto integra duas áreas fundamentais: os espectáculos: produções próprias e co-produções, com o recurso a textos do repertório clássico e contemporâneo, e trabalhos experimentais, que reflectem o trabalho realizado em estúdio.

Rogério de Carvalho

Nasceu em Angola, em 1936. Quando tinha 18 anos, rumou a Portugal para se licenciar em Economia. Para preencher os tempos livres matriculou-se, em 1968, na Escola Superior de Teatro e Cinema em Lisboa. Entre aulas de economia para se sustentar, O apelo do teatro começou a ser mais forte do que as aulas de economia que leccionava para se sustentar. Ao longo da sua vasta e produtiva carreira pôs em cena aproximadamente 70 peças, de autores do teatro clássico e contemporâneo, como Tchekov, O'Neill, Molière, Gil Vicente, Fassbinder, Genet, entre outros. Obteve, por duas vezes, o Prémio de Crítica da Melhor Encenação com os espectáculos “Tio Vânia” e “O Paraíso Não Está à Vista”. É também professor na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, Porto. No seu trabalho, disse em entrevista ao jornal angolano O País, tenta “encontrar a essência da vida, da sociedade e do indivíduo, que se confronta com os seus dramas internos, com a sua integração na comunidade, com os problemas sociais e políticos”. Procura “encontrar a espiritualidade que poderá existir no ser humano”.

Ficha técnica/artística

Autor: Molière **Tradução:** Alexandra Moreira da Silva **Encenação:** Rogério de Carvalho **Cenografia:** Pedro Tudela **Figurinos:** Bernardo Monteiro **Desenho de Luz:** Jorge Ribeiro **Música:** Ricardo Pinto **Assistente de encenação:** Emília Silvestre **Interpretação:** Jorge Pinto, Emília Silvestre, António Durães, Clara Nogueira, Fernando Moreira, João Castro, Vânia Mendes, Miguel Eloy, António Parra, Ivo Luz e Marta Dias **Co-produção:** Ensemble / TNSJ

Data e Local de Estreia: 31 de Maio de 2012 / Teatro Nacional São João / FITEI 2012

Teatro do Bolhão (Portugal)

As Lágrimas Amargas de Petra von Kant

1 + 2 de Junho / Sexta + Sábado / 21h30 / Teatro do Bolhão

M/12 anos / Duração aproximada: 90 min.

Petra, uma estilista de sucesso, apaixona-se por uma jovem que não corresponde ao seu amor. Por seu lado, Petra não corresponde ao amor de Marlene, sua assistente. Mais do que um trabalho sobre a relação da homossexualidade com a sociedade, esta obra aborda a dependência do amor e como esta leva a relações claustrofóbicas e desesperadas.

No ano em que se assinalam os 40 anos da estreia da peça de Fassbinder, em Darmstadt, a escolha de a encenar acontece pela vontade em retirá-la dos anos 70, onde também foi fixada pelo cinema, em 1972, pelo próprio Fassbinder. Foi a actriz Custódia Gallego, aqui Petra Von Kant, que quis levar a peça a cena. Convidou, para o efeito, o realizador de cinema António Ferreira, com o qual tinha trabalhado no filme “Esquece Tudo o que te Disse”, em 2002. O reencontro, quase dez anos depois, acaba por marcar a primeira incursão de António Ferreira na encenação teatral.

O que motivou o cineasta a rever o texto quatro décadas depois foi a vontade de questionar uma sociedade “talvez igual ou talvez diferente”, testar, “ainda sem uma certeza final, as mudanças, e sobretudo testar a profundidade dessas mesmas mudanças”. Para António Ferreira, esta é, acima de tudo, “uma história de amor, de masoquismo, de relações claustrofóbicas, de desespero. A história de uma mulher que está a aprender a amar”. Para a criação do universo artístico da estilista von Kant foi convidado José António Tenente, que concebeu o sofisticado e complexo universo de criação de moda de Petra.

António Ferreira

Nasceu em Coimbra em 1970. Começou a trabalhar como programador informático, profissão que abandonou em 1990, quando se mudou para Paris. Em 1994, ingressou na Escola Superior de Teatro e Cinema, em Lisboa. Dois anos depois, foi estudar para a Academia de Cinema e Televisão de Berlim, Alemanha. Em 2000, ganha destaque com a curta-metragem “Respirar (debaixo d’água)”, que o levou até ao Festival de Cannes e com a qual ganhou prémios em diversos festivais. Em 2002, estreia-se na longa-metragem com “Esquece tudo o que te disse”, que se tornou num dos filmes portugueses mais vistos em Portugal nesse ano. Em 2007, estreou a curta-metragem “Deus Não Quis”, com que ganha mais de uma dezena de prémios internacionais. Em 2010 estreou a sua segunda longa-metragem, “Embargo”, uma adaptação de um conto de José Saramago. É em 2011 que estreia a sua primeira peça de teatro: “As Lágrimas Amargas de Petra Von Kant”, com o Teatro do Bolhão, para o Teatro Nacional D. Maria II. Convidado por Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura, realiza, já este ano, o filme “Posfácio nas Confeções Canhão”. É membro fundador e da direcção da Academia Portuguesa de Cinema. Dirige, actualmente, a sua produtora Persona Non Grata Pictures, com a qual produz ficção e documentários.

Teatro do Bolhão

Desde a sua criação, em 2003, que esta estrutura de produção teatral, associada à ACE/Escola Profissional, tem desenvolvido um trabalho de pesquisa e experimentação à volta de um ideal estético e cultural que promove a ligação entre criadores de várias áreas artísticas, tanto nacionais como internacionais, numa estrutura sólida. Pretende divulgar autores e textos de referência universal raramente apresentados no Porto, como E. Albee (“Quem Tem Medo de Virginia Woolf?”), Bertold Brecht, (“A Irresistível Ascensão de Arturo Ui”) ou Samuel Beckett (“Pioravante Marche”). Aposta igualmente em obras originais, como “A Ópera do Falhado”, de J. P. Simões, e “Mão na Boca”, da coreógrafa Joana Providência (a partir da obra da artista plástica Paula Rego). Em 2009 esteve presente no FITEI com “Traições”, de Harold Pinter.

Ficha técnica/artística

Autor: Rainer Werner Fassbinder **Encenação:** António Ferreira **Cenografia:** Luísa Bebiano **Figurinos:** António Tenente **Desenho de Luz:** José Carlos Gomes **Sonoplastia:** Baltasar Gallego **Produção:** Alice Prata **Interpretação:** Ana Padrão, Cláudia Carvalho, Custódia Gallego, Diana Costa e Silva, Inês Castel Branco e Isabel Ruth **Co-produção:** Teatro do Bolhão / teatro Nacional D. Maria II

Data e Local de Estreia: 15 de Setembro de 2011 / Teatro Nacional D. Maria II / Lisboa

Beau Geste (França) Transports Exceptionnels

2 de Junho / Sábado / 16h00 / Serralves em Festa
3 de Junho / Domingo / 19h30 / Serralves em Festa

M/4 anos / Duração aproximada: 20 min.

Para mim a metáfora é legível, é uma questão de aceitar que o mundo está em construção, movendo-se para o pior e para o melhor.

Dominique Boivin

Este “dueto para um bailarino e uma retroescavadora” é uma metáfora sobre o mundo em permanente construção. Num regresso às brincadeiras da infância, o bailarino e coreógrafo Dominique Boivin quis reviver os momentos de infância em que as proporções têm uma dimensão diferente e as ruas são um “recreio extravagante”. Graças ao seu tamanho gigantesco, a máquina cria uma tensão com o corpo do bailarino. É um encontro inesperado, um duo entre o homem e a máquina. Interessou ao autor desenvolver os aspectos funcionais e dinâmicos da retroescavadora, porque esta lhe sugere uma outra imagem: um braço humano que tanto repele como bajula. A rotação da máquina é um movimento generoso e impressionante que remete tanto para a precisão implacável do mecanismo como para a rotação de um carrossel. A pá, cuja função é escavar, carregar e descarregar, torna-se aqui, por licença poética, uma mão que remove, cria e protege.

O belo e a máquina

Carregada de sentidos poéticos, a coreografia foi concebida como se a máquina fosse um ser humano rude e imperfeito, uma criatura como o monstro de Frankenstein ou então o aparente contraste entre dois mundos como a Bela e o Monstro. Na sua potência, elegância e beleza, a máquina evoca os trabalhos de Hércules, mas também o mundo industrial como foi representado pelo pintor Fernand Léger.

Beau Geste

Foi criada em 1981 por sete bailarinos do Centro Nacional de Dança Contemporânea francês, dirigido pelo coreógrafo norte-americano Alwin Nikolais. Sob a forma de um colectivo de artistas, onde se trocam ideias sobre diferentes concepções estéticas, cada bailarino, alternadamente assume o papel de coreógrafo ou intérprete. Desenvolvendo-se através das suas criações, tanto individuais como colectivas, a Beau Geste alimenta-se da diversidade artística dos seus membros. Em 1991, a direcção artística foi confiada a Dominique Boivin, Christine Erbé e Philippe Priasso. A mais valia da diversidade reflecte-se em espectáculos de diversos estilos: solo, cabaret ou espectáculo de variedades. Todas estas formas são uma oportunidade de afirmar o gosto pela diversidade e pelo humor.

Dominic Boivin

Começou a fazer dança acrobática aos seis anos. Dos 10 aos 18 formou-se em ballet clássico. Aprendeu dança contemporânea como Carolyn Carlson, tendo escolhido este caminho no Centro Nacional de Dança Contemporânea, com Alwin Nikolais. Em 1978, cria o seu primeiro solo ‘Vol d’Oiseau’, que foi distinguido com o Prémio de Humor no Concours de Bagnolet. Em 1980 obtém uma bolsa de dois anos para fazer cursos em Nova Iorque, orientados por Merce Cunningham and Douglas Dunn. Trabalhou em diferentes companhias, como nas de Philippe Decouflé, Daniel Larrieu, entre outras. Nos anos 90 coreografou e dirigiu numerosas obras, entre elas “Carmen”, “La Belle Etoile”, “Cabaret Pataphysique”, “Petites histoires au-dessus du ciel” ou “Orphée aux Enfers”. O seu trabalho recente é bastante diversificado, incluindo projectos “Aqua ça Rime?” (um espectáculo numa piscina) ou “Transports exceptionnels”, agora apresentado no FITEI.

Ficha técnica/artística:

Concepção e coreografia: Dominique Boivin **Assistente de Coreografia:** Christine Erbé **Interpretação:** Philippe Priasso e Eric Lamy **Co-produção:** Beau Geste e Scènes du Jura Scène **Companhia subsidiada por** nouveaux espaces, nouvelles formes.

O Programa Completo da 9ª Edição do Serralves em Festa está disponível em www.serralves.pt

Sol Picó (Espanha)

Petra, la Mujer Araña y el Puton de la Abeja Maya

3 de Junho / Domingo / 21h30 / TeCA

M/16 anos / Duração aproximada: 60 min.

Si la falta de amor engendra monstruos, sólo el amor podrá salvarlos... amén.

Apropriando-se das três protagonistas de “As Lágrimas Amargas de Petra von Kant”, do cineasta e dramaturgo alemão R. W. Fassbinder, a companhia de Sol Picó apresenta um espectáculo de teatro e dança contemporânea onde amor (ou a falta dele) e monstruosidade convivem. Esta reflexão sobre o frágil equilíbrio emocional que atravessa as relações humanas mais intensas encena-se numa espécie de circo em ruínas, onde estranhos monstros se cruzam com Petra, Karin e Marlene. As emoções destrutivas revelam-se em palco através de uma fisicalidade visceral, que sublinha as violências que destroem o amor, como a obsessão ou o ciúme, que se reflectem no desprezo e na humilhação. São os monstros que se aninham nas relações humanas e minam. Este é um circo de freaks e de feras que vive da palavra e do movimento, numa tentativa de equilíbrio no fio da navalha. No desenvolvimento das suas monstruosidades, as personagens acabam enroladas na teia de aranha que elas próprias vão construindo. Se, “como alguém disse, todos nascemos amorosos e não monstros porque é que tudo é tão estranho?”

Sol Picó

Nasceu em Alcoi, Valência, em 1967. Estudou dança espanhola e clássica no Conservatório Òscar Esplà, de Alicante, onde se graduou em 1985. Graças a uma bolsa de estudos, continuou a sua formação em Barcelona, sob a direcção de Cesc Gelabert, Ramon Oller e Andreu Bresca, entre outros coreógrafos. Em 1988 iniciou a sua actividade como bailarina profissional na companhia La Cassola. Passou por diversos grupos até fundar a Companhia Sol Picó, em 1994, onde desenvolveu a sua carreira como bailarina e coreógrafa de dança contemporânea. Entre 2002 e 2004, foi a companhia residente no Teatro Nacional da Catalunha. Ao longo do seu percurso recebeu várias nomeações para os prémios Max, os mais importantes atribuídos às artes cénicas espanholas. Foi distinguida por três vezes para melhor coreografia [“Bésame el cactus” (2003), “La dona Manca o Barbi-Superstar” (2004), “Paella Mixta” (2005)] e uma para melhor interpretação (“Bésame el cactus”). Entre outros prémios, contam-se também o Butaca e o Premi Nacional de Dansa concedido pela Governo da Catalunha.

A companhia

Criada em 1994 pela bailarina e coreógrafa Sol Picó, a companhia inscreve o seu trabalho numa linha de mestiçagem que cruza diferentes géneros. Aposta na técnica aliada à força, na precisão e no dinamismo, com uma forte componente orgânica. Constantemente dinamizadas pelo humor, as suas criações encerram um estilo próprio “sem concessões nem manual de instruções”. O que ao princípio parecia um desafio e uma proposta arriscada, converteu-se em dinâmica de trabalho e matéria-prima das criações. Não é objectivo da companhia fornecer quaisquer respostas, mas sim levantar questões através dos sentidos, da experimentação, da vivência: “Não se trata de construir um discurso, mas sim de desafiar o establishment”, admite. Quer que as suas obras se aproximem mais de uma experiência de vida do que da teatralização das questões que convocam. Tenta construir pontes entre mundos opostos, estando a componente de festividade omnipresente, o que acaba por transmitir a sensação de espontaneidade. Em todas as suas criações, Sol Picó utiliza elementos da cultura popular, construindo uma iconografia própria, onde as referências culturais se inscrevem na história pessoal. A sua proposta oferece uma relação entre mito e memória, tanto individual como colectiva.

Ficha técnica/artística:

Autor: de Sol Picó a partir de Rafael Metlikovez (“Algunas reflexiones de andar por casa, descalzo”) e R. W. Fassbinder (“As Lágrimas Amargas de Petra von Kant”) **Encenação/Coreografia:** Sol Picó **Dramaturgia:** Sol Picó e Carles Alfaro **Interpretação:** Maru Valdivielso, Vanessa Segura García **Bailarinos/as:** Xaro Campo, Verónica Cendoya, Virginia García, Carlos Fernández Fuentes, Valenti Rocamora i Torà **Assistente de Coreografia:** Maribel Martínez Roldan **Assessoramento de interpretação:** Carles Alfaro **Cenografia:** Joan Manrique **Desenho de luz:** Sylvia Kuchinow **Direcção e composição musical:** Adele Madau **Figurinos:** Valeria Civil e Sol Picó **Adaptação:** Sandra del Cerro **Construção da cenografia:** Joan Manrique, Román Rubert y Ramon Tarès **Pós-produção de som:** Alessandro Olla **Som:** Stéphane Carteaux **Produção, gestão, distribuição:** Pia Mazuela **Assistente de produção, road manager:** Daphné Malherbe **Co-produtores:** Festival Grec de Barcelona, CAER, Sol Picó cía de Danza **Colaboração** do Ayuntamiento de Viladecans **Companhia apoiada pelo** INAEM, Ministerio de Cultura, CONCA, Generalitat de Catalunya, Dpto. de Cultura, ICUB, Ajuntament de Barcelona, Institut Ramon Llull **Agradecimentos:** Núria Aguiló, Maja Blažič, José Manuel Berenguer, Jordi Bonet, Amanda Delgado, Roberto Fratini, Ignasi Gil Baldero, Carlos Gomez Caballero, Gregorio Mendez, Rafael Metlikovez, Jorge Pau, Paloma Juanes, S.L., Mireia Tejero.

Data e Local de Estreia: 18 de Junho de 2011 / Teatre Fortuny de Reus / Festival Grec de Barcelona

ACTIVIDADES PARALELAS

Processo criativo – Pacífica Exposição

27 de Maio a 3 de Junho

Inauguração: 27 de Maio / Domingo / 12h00 / FNAC de Santa Catarina

Oportunidade de ver ou rever a obra multidisciplinar do Estúdio Criativo Pacífica, que em 2007 criou a actual identidade gráfica do FITEI. Com um olhar atento sobre as mais recentes inovações tecnológicas, este estúdio de comunicação integrada, sediado no Porto, actua em áreas complementares como Design Gráfico, Editorial, Branding, Ambientes, New Media, Advertising e interactividade. Os seus fundadores, Filipe Mesquita, Pedro Serrão e Pedro Mesquita criaram o atelier com o objectivo de trabalhar a criatividade e concretizá-la em projectos transversais e diferenciadores, desenvolvendo as suas competências sobretudo em iniciativas globais e multidisciplinares.

Pacífica e FITEI

Com a renovação da imagem do FITEI, o estúdio obteve, ao longo dos últimos cinco anos, diversos prémios. A saber: Prémio Design Briefing para o melhor cartaz e troféu de bronze, no 10º Festival do Clube de Criativos de Portugal (2007); dois galardões de Prata (2008), pelo cartaz e pelo projecto global, no 11º Festival do Clube de Criativos de Portugal; poster e programa do FITEI 2010 foram distinguidos com os prémios Ouro e Prata, respectivamente, na categoria Design Editorial, no 13º Festival do Clube de Criativos de Portugal; poster da 33ª edição do FITEI foi distinguido pelo ADCE (Art Directors Club of Europe), tendo sido premiado na categoria de Design Gráfico, na 20th Edition of ADCE Awards - Best of European Design and Advertising.

Susana Neves – Atrás da Farsa Exposição de fotografia

27 de Maio a 3 de Junho

Inauguração: 27 de Maio / Domingo / 16h00 / Centro Português de Fotografia

O teatro é a poesia que se ergue do livro e se faz humana. E, ao fazer-se humana, fala e grita, chora e se desespera. O teatro precisa que as personagens que aparecem em cena levem um traje de poesia mas que ao mesmo tempo se lhe vejam os ossos e o sangue.

Federico García Lorca

Susana Neves, fotógrafa 'oficial' do FITEI desde 2006, tem “fabricado” a memória do festival, registando para a posteridade os irrepetíveis momentos em cena. Desta vez, o desafio para a sua exposição foi outro: o de capturar tudo o que alimenta o teatro quando a luz do palco ainda está apagada.

A fotógrafa espreitou por detrás da cortina, para lá dos limites do Teatro, correndo “atrás da farsa”, na busca por um instante revelador onde vida e teatro se tocassem sem qualquer artifice: ossos, sangue e poesia.

“Fui buscar o que se passa por dentro do festival e dos espectáculos e que não é visto pelo público, desde as reuniões da equipa de produção, às montagens e ensaios dos espectáculos, à preparação dos actores, ao convívio entre artistas”. “Atrás da farsa”, pois o público tem o direito de espreitar...”

“Atrás da farsa” dedicada a João Paulo Seara Cardoso

Achei oportuníssima a homenagem do FITEI e do “Serralves em Festa”, em 2011, a João Paulo Seara Cardoso, repondo a última encenação do director artístico e fundador do Teatro das Marionetas do Porto, o espectáculo “Make Love Not War”, falecido em 2000. Ao olhar as imagens que registei nos bastidores do FITEI, não pude deixar de pensar no João Paulo. Estes espaços que o público mal vê, o João Paulo respirava-os. Tive o privilégio de com ele trabalhar, de o escutar. Quero dedicar-lhe esta exposição: faz-me falta o seu olhar.

Susana Neves

Fotógrafa das artes de palco

Licenciada em Arte e Comunicação (Ramo Fotográfico), pela Escola Superior Artística do Porto, Susana Neves iniciou a sua actividade em 2000, centrando-se na fotografia de cena de espetáculos de dança, teatro, performance e música. Fotografa regularmente o FITEI e o FIMP (Festival Internacional de Marionetas do Porto), e já fotografou o Circular – Festival de Artes Performativas de Vila do Conde e a Orquestra Metropolitana de Lisboa. Actualmente, colabora com o Teatro de Marionetas do Porto, Teatro de Ferro, Victor Hugo Pontes, Porto Cultura, Comissariado Cultura da FEUP entre outros. Colabora na área de formação, imagem e produção com a Associação 10pt – Criação Lusófona, como é exemplo o projeto “Olha lá”, com destaque para a exposição de retratos afixada pelas ruas do Porto.

Em 2011, participou na Mostra SESC Cariri de Culturas 2011 (Ceará, Brasil), com uma oficina de fotografia. Tem apresentado exposições individuais e participado em mostras colectivas em Portugal e Espanha. Uma delas foi

“Contrapontos Visuais”, com Pedro Sottomayor, uma selecção de imagens do FITEI produzidas entre 2006 e 2008.

Ante-estreia Ciclo de Cinema “O Caso Solveig Nordlund na Cornucópia” “E não se Pode Exterminá-lo?”, de Solveig Nordlund e Jorge Silva Melo

Confederação-Núcleo Investigação Teatral

27 de Maio / Domingo / 18h30 / Auditório de Miragaia

Este ciclo, que se inicia no FITEI e que continua para além dele, apresenta as obras que Solveig Nordlund realizou a partir das propostas teatrais da Cornucópia. Em “E não se Pode Exterminá-lo?” (1979), o encenador Jorge Silva Melo levou a cena peças curtas do alemão Karl Valentin (1882-1948). Nos momentos seguintes, já fora do festival, serão apresentados os filmes “Viagem para a Felicidade” (1978), “Música para Si” (1978) e “Novas Perspectivas” (1980).

Solveig Nordlund

Nasceu na Suécia mas naturalizou-se portuguesa. Faz cinema desde os anos 70, década em que foi assistente em filmes de João César Monteiro, José Fonseca e Costa ou Alfredo Tropa. Trabalhou como montadora em “Brandos Costumes”, de Alberto Seixas Santos, e em filmes de Manoel de Oliveira, João Botelho e Thomas Harlan. Em 1973 e 74 foi bolseira da Fundação Calouste Gulbenkian e fez estágios de cinema em Paris. Trabalhou em televisão e fundou o Grupo Zero. Em 1978, estreiou-se na ficção com “Nem Pássaro Nem Peixe”. Em colaboração com o Teatro da Cornucópia realizou vários filmes sobre peças de teatro de Franz Xaver Kroetz (“Música Para Si”, “Viagem Para a Felicidade” e “Outras Perspectivas”) e Karl Valentin, apresentado nesta edição do FITEI. “Dina e Django” (1983) foi a sua primeira metragem, a que se seguiram “Até Amanhã, Mário” (1994), “Comédia Infantil” (1998), “Aparelho Voador a Baixa Altitude” (2002) e “A Filha” (2003). É também realizadora de curtas metragens e de documentários sobre escritores como Marguerite Duras, J. G. Ballard ou António Lobo Antunes. Fundou a sociedade Ambar Filmes.

Estreou-se na direcção teatral em 1998 com “A Noite é Mãe do Dia”, de Lars Norén, para o Centro Cultural de Belém e Teatro da Malaposta, colaborando actualmente com a Artistas Unidos, onde encenou “Vai Vir Alguém” e “Sonho de Outono”, de Jon Fosse, “Traições” e “Há Tanto Tempo”, de Harold Pinter.

Ficha Técnica

Título original: E Não se Pode Exterminá-lo? **Realização:** Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo **Argumento:** A partir do espectáculo com o mesmo nome, do Teatro da Cornucópia **Interpretação:** Raquel Maria, Isabel de Castro, Luís Miguel Cintra, Jorge Silva Melo, Rogério Vieira, Ângelo Teixeira, António Bispo, Carmen Santos, Carlos Barreto Amaro, Luís Ramos, Nuno Vieira de Almeida **Texto:** Karl Valentin **Tradução:** Almeida Faria, Luísa Neto Jorge, J.A. Osório Mateus, Maria Adélia Silva Melo **Música:** Paulo Brandão **Cenografia:** Cristina Reis **Assistentes de cenografia:** Fernando Correia, Linda Gomes Teixeira **Fotografia:** Acácio de Almeida, Carlos Mena, Pompeu Mourato, Jorge Mergulhão **Som:** Maria Paola Porru **Caracterização:** Luís de Matos, Lucinda Maria **Produção:** Henrique Espírito Santo, Jorge Nascimento, José Pedro Gomes **Um filme de:** Grupo Zero, Teatro da Cornucópia, RTP **Distribuição:** RTP **Género:** Documentário **Duração:** 120' / cor

Palestra com Lautaro Vilo, dramaturgo argentino

31 de Maio / Quinta / 19h30 / Teatro Helena Sá e Costa

O autor Lautaro Vilo vai estar presente no FITEI para apresentar a peça “Um Acto de Comunhão”, levada a cena pela companhia Teatro Oficina, de Guimarães, e que será apresentada dia 31 de Maio às 18h30, no Teatro Helena Sá e Costa. Logo a seguir, o dramaturgo e encenador argentino, que mantém uma relação estreita com Portugal, vai falar sobre este trabalho, escrito em 2004, que se baseia na história verídica de Armin Meiwes, que ficou conhecido como o ‘Canibal de Rotenburg’, depois de ter cometido um acto de canibalismo consentido.

Nascido em Buenos Aires, em 1977, Lautaro Vilo é um dos mais destacados dramaturgos, guionistas, encenadores e actores argentinos na actualidade. Escreveu várias obras, entre as quais “23.344”, “Alto Valle”, “Un acto de comunión”, “La tumba del niño moral”, “Cáucaso”, “La Gracia”, “American Mouse” e, recentemente, “Cosmos”, que encenou para o Teatro Oficina (estreou em Março em Guimarães – Capital Europeia da Cultura). Mas a ligação com o colectivo vimaranense começou antes.

Em 2010 encenou “A Fábrica” e, em 2011, a companhia encenou a peça que agora se apresenta no FITEI. Faz parte do grupo Eminentes del Vapor, onde é actor, dramaturgo e encenador. Integra com Pablo Gershanik, o Rara Avis Escena, grupo com o qual montou “American Mouse”, entre outras peças. “Un acto de comunión” faz parte de uma trilogia inspirada em notícias internacionais. Além da história do ‘canibal de Rotenburg’ (2004), relata a tomada, em 2002, do Teatro de Dubrovka (Moscovo) por separatistas chechenos – “Cáucaso” (2006). A última,

ainda não concluída, vai explorar a economia no sistema capitalista através da história do colapso do mais antigo banco de investimento de Inglaterra, o Barings Bank, em 1995.

Conferência: “El arte de esquivar la censura y la represión: Teatro y dictaduras del Cono de América del Sur”, de Mario Rojas

31 de Maio / Quinta / 22h00 / Instalações da UNICEPE

Especialista em teatro latino-americano, o investigador chileno Mario Rojas apresenta no FITEI uma palestra onde aborda o impacto da censura e da repressão nas artes cénicas na Argentina, Chile e Uruguai durante as ditaduras militares da segunda metade do século XX.

O desenvolvimento das artes dramáticas naqueles países – chamados países do Cone Sul – foi afectado a vários níveis, tanto na sua produção como na recepção pelo público. A censura não teve apenas impacto nos dramaturgos e nas companhias, mas também nos espectadores, visto apenas alguns se atreviam a assistir a peças que desafiavam os sistemas totalitários.

Censura e resistência

Logo após as ditaduras terem sido instauradas, a apesar da repressão, surgiu um teatro provocador que denunciava os abusos de poder. Nos primeiros anos, este tipo de teatro foi feito “com cautelosa inteligência, através da utilização de uma linguagem oblíqua, metafórica e polissémica”. À medida que os sistema repressivo ia perdendo a sua força, as críticas tornaram-se mais directas e fortes.

Mario Rojas vai abordar igualmente o impacto que as ditaduras deixaram nas artes cénicas mesmo depois da redemocratização, nas décadas de 80 e 90 e de como se reflecte nos dias de hoje.

Mario Rojas

Professor Emérito da Catholic University of America, Washington, D.C, onde exerceu a direcção do programa de estudos latinos e latino-americanos. É também catedrático em teoria teatral, sócio-semiótica, narratologia e teatro latino-americano. O seu reconhecimento enquanto investigador teatral reflecte-se nos vários prémios que recebeu ao longo da sua carreira. Entre eles, contam-ser o prémio Armando Discépolo, concedido pela Universidade de Buenos Aires (Argentina) e o GETEA (Grupo de Estudios de Teatro Argentino e Iberoamericano).

É membro do comité editorial de várias revistas académicas, entre elas “Gestos”, da Universidade da Califórnia, “Teatro XXI”, de Buenos Aires, “Semiosis, da Universidade Veracruzana, México, e “Forum” da Universidade de Porto Rico, Arecibo.

Dos livros sobre teoria e crítica teatral que já publicou, destacam-se “Teatro Latinoamericano: De la Colonia a la Postmodernidad”, “Semiótica Teatral: teoría y práctica”, uma edição especial especial da “Revista Dispositio”, da Universidad de Michigan, e “Discursos teatrales en los umbrales del siglo XXI: FIT 2000”, de que foi co-editor con Juan Villegas e Alicia del Campo.

Publicou numerosos artigos em revistas de teatro da América Latina, Estados Unidos, Canadá e Europa, nos quais dedica especial atenção ao teatro do Brasil, México, Costa Rica, Uruguai, Argentina e Chile. Entre variadas actividades académicas, colaborou em publicações de referência bibliográfica, como “The Handbook of Latin American Studies”, da Library of Congress dos EUA e da Universidade do Texas, e “The Oxford Encyclopedia of Theatre and Performance”.

O interesse principal das suas investigações são as encenações, principalmente aqueles que, além do seu valor estético, contêm leituras críticas do seu contexto histórico, social e político. Estuda, sobretudo, espectáculos apresentados em festivais internacionais sobre teatro ibero-americano, entre eles o FIT, de Cádiz (Espanha), o FITEI e a Mostra de Teatro Latino-americano de São Paulo (Brasil).

Lançamento do livro “José Caldas – 40 anos de Teatro: Por um Teatro Popular a Partir da Infância”

1 de Junho / Sexta / 18h30 / FNAC Santa Catarina

O teatro para a infância deve afirmar-se apenas como teatro: arte complexa, que põe em amorosa relação todas as expressões artísticas. O teatro que crio à procura da infância faz-se de um jogo de formas artísticas, da contracena entre actores e do drama: a acção que transporta o público a um estar diverso, isto é, a divertir-se.
José Caldas

Livro apresentado por Manuel António Pina em que se contam as quatro décadas de carreira de José Caldas, nas quais soube afirmar uma visão muito própria do teatro não só como encenador e dramaturgo, mas também como pedagogo. O trabalho que realizou para a redignificação do teatro para a infância é um dos seus maiores contributos para esta arte. Autor “essencial para a evolução do teatro no nosso país”, como considera o escritor António Torrado, também ele autor que se dedica ao público jovem.

Torrado afirma, num texto sobre o este livro, que “no teatro português para a infância há um a.C e um d.C – antes do Caldas e depois do Caldas”. O problema do teatro para a infância era o “infantilismo”. Ao tomar-se consciência de que era esse “o maior inimigo de qualquer forma de arte para a infância – poesia, dramaturgia, narrativa – descobre-se que ser naif é antes de mais um estado de alma, um bilhete de ingresso para o outro lado da Lua, uma fórmula secreta de sobrevivência, uma palavra mágica que nos permite atravessar incólumes o despudor da realidade”.

O teatro, defende o escritor, “não é uma representação da realidade (...) é a realidade às avessas, a consequência do espanto ('a memória iniciática do espanto', disse-o José Caldas) perante a maravilha de um novo mundo por descobrir”.

Terá sido a categorização e a classificação dos espectáculos, acredita, “que provocou a menoriozação dos espectadores e a marginalização ou automarginalização do teatro para crianças”. E é aqui que José Caldas tem um papel essencial: “na sua saltimbância pelos palcos da Europa, ele tem praticado um teatro adulto para crianças, sem puerilidades nem recursos falazes, destinados a cativar demagogicamente o pequeno espectador. Tão pouco o pequeno espectador merece ser cilindrado por um espectáculo fastidioso, por escassez de meios, pela desmotivação da intriga que dele só colha o tédio”.

Por isso, remata “é tão difícil fazer teatro para crianças e jovens. Por isso mais, devemos louvar quem, como José Caldas, continua a atrever-se por esta modalidade teatral, pondo em cada espectáculo tudo em risco, porque em permanente risco deve viver o artista criador”.

José Caldas

Nascido no Brasil, em 1945, José Caldas estudou teatro naquele país, em Inglaterra, França e na Escola Superior de Educação pela Arte, em Portugal. Trabalhou no Brasil como actor e assistente de encenação em vários espetáculos. Vive em Portugal há três décadas, onde encena e lecciona, e criou dezenas de espectáculos em vários países, entre eles “Ou isto ou aquilo”, “A vida íntima de Laura”, “O medo azul”, “Acende a Noite”, “Lavie intime de Laura”, “La Terza Sponda”, “As laranxas mais laranxas de todas as laranxas” e “Il Colombre”. Entre outras distinções, foi premiadao quatro vezes pela Associação Portuguesa de Críticos Teatrais. É actualmente o delegado português no Executivo da ASSITEJ - Association International du Théâtre pour l'Enfance et la Jeunesse.

26.05 — 10h-11h-12h	box	guimarães	30.05 — 21h30	as intermitências da morte	TeCA
26.05 — 15h00	girafes	guimarães	31.05 — 18h30	um acto de comunhão	teatro helena sá e costa
26.05 — 17h00	quem não sabe mais quem é, o que é e onde está, precisa se mexer	espaço oficina — guimarães	31.05 — 19h30	conversa com lautaro viló	teatro helena sá e costa
27.05 — 12h00	processo criativo — pacifica	fnac santa catarina	31.05 — 21h30	as intermitências da morte	teatro carlos alberto
27.05 — 16h00	exposição de fotografia de susana neves — atrás da farsa	centro português de fotografia	31.05 — 21h30	o doente imaginário	teatro nacional são joão
27.05 — 18h30	ciclo o caso solveig nordlund na cornucópia	auditório de miragaia	31.05 — 22h00	el arte de esquivar la censura y la represión	unícepe
28.05 — 21h30	indian tempest	mosteiro de são bento da vitória	01.06 — 18h30	por um teatro popular a partir da infância	fnac santa catarina
29.05 — 17h00	sinfonia erasmus	estação de são bento	01.06 — 21h30	o doente imaginário	teatro nacional são joão
29.05 — 19h00	indian tempest	mosteiro de são bento da vitória	01.06 — 21h30	as lágrimas amargas de petra von kant	teatro do bolhão
29.05 — 22h00	soy la otra (la diva)	teatro helena sá e costa	02.06 — 16h00	transports exceptionnels	serralves em festa
30.05 — 11h00	farfalle	balletteatro auditório	02.06 — 21h30	as lágrimas amargas de petra von kant	teatro do bolhão
			03.06 — 19h30	transports exceptionnels	serralves em festa
			03.06 — 21h30	petra, la mujer araña y el puton de la abeja maya	teatro carlos alberto

ESPAÇOS DO FESTIVAL

TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO

Praça da Batalha 4000-102 Porto

T. 800108675 (número grátis) / T. 223401910

TeCA

Rua das Oliveiras, 43 4050-449 Porto

T. 800108675 (número grátis) / T. 223401910

MOSTEIRO DE S. BENTO DA VITÓRIA

Rua de São Bento da Vitória 4050-543 Porto

T. 800108675 (número grátis) / T. 223401910

FUNDAÇÃO DE SERRALVES

Rua D. João Castro, 210 4150-417 Porto

T. 226156500

TEATRO HELENA SÁ E COSTA

Rua da Alegria 503, 4000-054 Porto

T. 225189982/3

BALLETEATRO

Praça 9 de Abril, 76

4200-422 Porto,

T 225 508 918

CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA

Edifício da Ex-Cadeia da Relação, Campo Mártires da Pátria, 4050-368

T. 222076310

TEATRO DO BOLHÃO

Pr. Coronel Pacheco, nº1, 4050-453 Porto

T. 22 208 90 07

FNAC

Rua de Santa Catarina 73 Edifício Palladium, 4000-449 PORTO

T. 707 313 435

AUDITÓRIO DE MIRAGAIA

Rua Arménia 10/18

4050-066 Porto

ESPAÇO OFICINA (GUIMARÃES)

Avenida D. João IV, 1213 Cave,

4810-532 GUIMARÃES

T 253 424 700

UNICEPE

Pç. Carlos Alberto, 128 A,

4050-159 Porto;

T. 222056660

EXTENSÕES AO FITEI

Espectáculo: Farfalle

Companhia TPO

CASA DAS ARTES DE FELGUEIRAS

26 de Maio

Av. Magalhães Lemos

Margaride | Felgueiras

Contactos: 255 340 340

E-mail: info@casadasartesdefelgueiras.com

TEATRO MUNICIPAL DE FARO

Dias 2 e 3 de Junho

Hora: às 11h00 e às 16h00

Estrada Nacional 125

8005-518 Faro

Contactos: 289 888 100

E-mail: geral@teatromunicipaldefaro.pt

TEATRO VIRIATO

Dia 7 de Junho

Hora: às 11h00 e às 16h30

Largo Mouzinho de Albuquerque

3500-160 Viseu

Contactos: 232 480 110

E-mail: geral@teatroviriato.com

TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA

Dia 9 de Junho

Hora: às 16h00 e às 21h30

Rua Batalha Reis, 12

6300-668 Guarda

Contactos: 271 205 240

Email: geral@tmg.com.pt

PREÇÁRIO/ BILHETEIRA

Loja FITEI – venda de Bilhetes

Rua Cândido dos Reis, 64 / T: 935 192 000 [a partir de 21 de Maio]

Datas: de 21 de Maio a 3 de Junho

Horários: Domingo a 4ª feira – das 12h30 às 20h00

5ª, 6ª e sábado – das 12h30 às 24h00

Assinatura FITEI: 30 EUROS

Seis espectáculos à escolha (à venda na Loja FITEI)

Bilhetes: 10€

TNSJ: a partir de 10€

TeCa + Mosteiro S. Bento da Vitória: 15€

FITEI EM NÚMEROS/PRÉMIOS

Nas 34 edições já realizadas, apresentaram-se centenas de companhias de teatro, oriundas de 38 países, tendo algumas participado no festival diversas vezes.

O FITEI programou 237 vezes companhias de Portugal, 176 de Espanha, 74 do Brasil, 24 de Moçambique, 16 de Venezuela, 15 de Angola, 14 da Argentina, 9 de Cuba, 7 de Cabo Verde, 6 da Colômbia e do México, 5 do Peru, 4 do Chile, do Equador e de Porto Rico, 3 do Uruguai, 2 da Guatemala e do Paraguai, 1 da Guiné-Bissau, de S.Tomé e Príncipe, de Timor-Leste, da Bolívia, da Costa Rica, de El Salvador, de Macau, do Panamá e da República Dominicana.

Fora do âmbito da expressão ibérica actuaram 6 companhias de França, 3 de Itália e da Alemanha e 1 de cada um dos seguintes países: Reino Unido, Canadá, Bulgária, Checoslováquia, Grécia, Japão e Estados Unidos da América.

Foram ainda apresentadas 22 co-produções internacionais.

No total, foram programados 684 espectáculos e realizadas 1.390 representações, para 919.325 espectadores, para além de inúmeras de actividades paralelas, actividades extra-programa e espectáculos em extensão.

Trinta e quatro anos depois, o Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica orgulha-se de ser o mais antigo do país e continuar a contribuir para a divulgação do teatro e das artes performativas, questionando sempre o seu papel e contributo para a sociedade.

O trabalho de divulgação do teatro que se faz em diferentes continentes onde se falam as línguas ibéricas é reconhecido nacional e internacionalmente. Em 1982 recebe o prémio de "melhor organização" da Associação Portuguesa de Críticos. Em 1985 é distinguido com a Medalha de Prata de Mérito Cultural da Câmara Municipal do Porto. Em 1987 é declarado Instituição de Utilidade Pública. Em 1989 recebe o prémio especial Ollontay outorgado pelo CELCIT Centro Latinoamericano de Criação e Investigação Teatral. Em 1992 é homenageado pelo Festival Internacional de Teatro de Almada. Em 1995 recebe o prémio internacional Federico García Lorca. Em 2007 a nova imagem do festival recebe o Prémio Design Briefing para o Melhor Cartaz e o troféu de bronze no 10º Festival do Clube de Criativos de Portugal. Em 2008 recebe em Espanha o Prémio "Max Hispanoamericano de las Artes Escénicas".

Já em 2010, o FITEI foi distinguido com o título de Membro Honorário do Centro Latinoamericano de Creación e Investigación Teatral, CELCIT Espanha, instituição teatral sediada em Espanha, dedicada à difusão, formação e investigação do teatro ibero-americano.

INICIATIVA

FITEI COOPERATIVA CULTURAL

ESTRUTURA FINANCIADA POR

GOVERNO DE PORTUGAL | SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA | DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES

APOIOS ESPECIAIS

FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

FUNARTE

EMBAIXADA DE ESPANHA

INSTITUTO ITALIANO DE CULTURA DE LISBOA

INSTITUTO FRANCÊS

PARCERIAS

TEATRO NACIONAL S. JOÃO / UNIÃO DOS TEATROS DA EUROPA/ ANA – AEROPORTOS DE PORTUGAL

GUIMARÃES 2012 - CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA

FUNDAÇÃO DE SERRALVES

CENTRO PORTUGUÊS DE FOTOGRAFIA

IMAGINARIUS

O TEATRÃO

EXTENSÕES 35º FITEI

CASA DAS ARTES DE FELGUEIRAS

TEATRO MUNICIPAL DE FARO

TEATRO MUNICIPAL DA GUARDA

TEATRO VIRIATO/ CÂMARA MUNICIPAL DE VISEU

APOIOS

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

SINDICATO DOS BANCÁRIOS DO NORTE

FNAC

AUDIORENT

CIMERTEX

VILARINHA FILMES

CLUBE FENIANOS PORTUENSES

UNICEPE

CISION

ESMAE

TEATRO HELENA SÁ E COSTA

BALLETEATRO

UNICER

HOTEL DOURO

HOTEL B & B

COZZZA RIO

D. TONHO

CASA AGRÍCOLA

MURGANHEIRA

VALLEGRE

TENCO CAFÉS

CACE CULTURAL

ASSOCIAÇÃO DE TURISMO DO PORTO

LITOGAIA

VCOUTINHO

SABA PORTUGAL

PARQUE CENTRAL

VALPI

SANEGI

RÁDIO OFICIAL

ANTENA 1

APOIOS À DIVULGAÇÃO

RTP 2

PORTO CANAL

ARTEZ
DAS ARTES ENTRE AS LETRAS
DIÁRIO ECONÓMICO
SEMANÁRIO SOL
O PRIMEIRO DE JANEIRO
PÚBLICO
JORNAL DE MATOSINHOS
RÁDIO 5
VOZ PORTUGALENSE
REFER
CP - URBANOS DO PORTO
METRO DO PORTO
STCP

CONTACTOS

FITEI

Rua do Paraíso, 217, 2º, sala 5 4000-377 Porto

Telefone: 00351 222 082 432

TMV. 00351 935 192 501

geral@fitei.com

www.fitei.com / www.fitei.blogspot.com

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Carolina Medeiros

carolina@fitei.com

919 439 581

Todas as informações em www.fitei.com.